

## APROXIMAÇÕES ENTRE ARTE, EDUCAÇÃO E AGROECOLOGIA EM PROJETOS ARTÍSTICOS

**Debora Maria Santiago.**<sup>1</sup> UNESPAR, Campus Curitiba I – EMBAP  
*debora.santiago@unespar.edu.br*

**RESUMO:** Este trabalho visa refletir sobre as relações entre projetos artísticos e processos educativos em dois projetos realizados em Curitiba pelos artistas Jorge Menna Barreto e Faetuzza Tezelli que se deram através de práticas colaborativas. Reflexões sobre a relação com o lugar onde ocorreram as ações e as atividades agroecológicas realizadas pelos participantes serão discutidas para propor aproximações entre arte e educação.

**Palavras-chave:** projetos artísticos, processos educativos, agroecologia, práticas colaborativas

### *APPROACHES BETWEEN ART, EDUCATION AND AGROECOLOGIA IN ARTISTIC PROJECTS*

**ABSTRACT:** *This work aims reflects the relationship between artistic projects and educational process by artists Jorge Menna Barreto and Faetuzza Tezelli that have occurred though collaborative practices. Reflections on the relationship with the place where the actions took place and agroecological activities carried out by the participants it will be discussed to propose approaches between art and education.*

**Keywords:** *artistic projects, educational process, agroecology, collaborative practices*

---

<sup>1</sup> Artista e professora no Centro de Artes da UNESPAR, Campus Curitiba I - EMBAP. Doutoranda no PPGAV-UDESC na Linha de Pesquisa Processos Artísticos Contemporâneos.

## Aproximações entre arte, educação e agroecologia em projetos artísticos

Nos últimos anos foram apresentadas exposições de arte e projetos artísticos na cidade de Curitiba que trataram de questões relacionadas a ecologia. O presente texto busca investigar alguns destes projetos e aproximar os diferentes campos de conhecimento - arte, agroecologia e educação - a partir de questões relacionadas a participação e autonomia. Os projetos artísticos a serem aqui discutidos foram desenvolvidos pelos artistas Jorge Menna Barreto e Faetuzza Tezelli e promoveram ações coletivas envolvendo atividades diversas, práticas cada vez mais frequentes na produção contemporânea e que ampliam conceitos de experiência artística.

As fronteiras da arte vem expandindo-se nas décadas recentes, assunto apresentado em linhas gerais por vários autores (ARCHER, 2001; CAUQUELIN, 2005), sendo possível perceber o engajamento com diversos campos do saber e trazendo também discussões sobre o reconhecimento destas propostas como artísticas e ocorrendo além dos espaços institucionalizados como museus e galerias de arte. Discussão esta recorrente no campo das artes e trazida pelo filósofo Arthur Danto (2002) em texto<sup>2</sup> sobre o Fluxus<sup>3</sup>. O autor traz o problema da distinção de obras de arte para pensar os objetos, edições e ações do coletivo de artistas a partir dos *ready-mades* de Duchamp e das composições de John Cage, e aponta que a questão deve se voltar sobre qual a nossa percepção sobre aquilo que identificamos como arte, ao invés de questionarmos se as propostas seriam consideradas arte.

### Agrofloresta e arte

O artista Jorge Menna Barreto vem apresentando alguns trabalhos a partir da noção de agroecologia como promotora de saúde, qualidade de vida e sustentabilidade ambiental, social e econômica. Em março de 2014 o artista realiza a oficina, da qual eu participo, “Agrofloresta e arte no campo expandido: uma vivência na Barra do Turvo /SP” para o projeto “Bases Temporárias para Instituições Experimentais”<sup>4</sup>. A oficina foi uma vivência durante um fim de semana, numa fazenda agroflorestal associada à Cooperafloresta<sup>5</sup>, onde as/os participantes foram recebidas/os por uma família agrofloresteira. Entendida como agricultura, a agrofloresta usa processos de sucessão natural e ciclos naturais na produção de alimentos livres de agrotóxicos, permitindo o aumento da biodiversidade e contribuindo com a conservação ambiental.

O contato com a família, no entanto, proporcionou além do conhecimento da prática agroflorestal, a atenção a alguns princípios que germinam da Cooperafloresta:

Uma disposição de não excluir, de distribuir os ganhos, de compartilhar o poder; a (re)criação de sociabilidades de ajuda mútua, reciprocidade e uma abertura para a

---

<sup>2</sup> O Mundo como Armazém: Fluxus e Filosofia

<sup>3</sup> Coletivo de artistas de varias áreas e de países diversos que realizaram festivais e edições durante os anos 1960 e 1970 tendo o artista lituano George Maciunas (1931 – 1978) como um dos mais destacados participantes.

<sup>4</sup> Criado por Marcos Frankowicz, com curadoria e orientação de Felipe Prando, o projeto foi concebido como instituição experimental e constitui-se de oficinas elaboradas por artistas, vivências, conversas, cursos, biblioteca e grupos de estudo, realizadas entre março e maio de 2014 no Solar do Barão / Museu da Gravura Cidade de Curitiba.

<sup>5</sup> Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo em São Paulo e Adrianópolis e Bocaiúva do Sul no Paraná. Mais informações e acesso a publicações sobre agrofloresta em <http://www.cooperafloresta.com>. Acesso em 15/05/2016.

solidariedade mais plena que a dos limites da família e da comunidade; o cuidado em reproduzir-se socialmente, reproduzindo e não destruindo a natureza. (FERREIRA, 2013, p.13)

A comunidade dos associados enfrentou problemas ecológicos, sociais e econômicos num contexto de exclusão social. Mas permaneceu aberta às propostas de mudança e vem adotando uma postura de cooperação entre seus integrantes e a natureza. Durante a oficina foi possível perceber o interesse da família pelo grupo que recepcionava e a vontade de partilhar saberes, como os passeios para reconhecimento e coleta de plantas alimentícias não convencionais para realização de receitas diversas que foram trocadas entre todos, como os *Sucos Específicos*<sup>6</sup>, mistura de frutas e folhas verdes batidas com água ou suco no liquidificador.

A partir da oficina as/os participantes criaram e realizaram a *ação 1:1* que consistiu no convite para uma pessoa visitar a feira de produtos orgânicos que ocorre aos sábados no Passeio Público, em Curitiba, e conhecer a barraca da Cooperafloresta. Durante a visita foram discutidos alguns conceitos da prática agroflorestal, e foram selecionados produtos para realização de *Sucos Específicos*. Já no Museu da Gravura, o suco foi preparado por Jorge, que ensinou algumas receitas. Durante a degustação foram apresentadas ações e registros feitos durante a vivência em Barra do Turvo.



---

<sup>6</sup> Proposição artística de Jorge Menna Barreto que descreve o trabalho da seguinte forma: “são parte de uma pesquisa que envolve ativismo alimentar, agroecologia e o *site-specific* no campo da arte. Os sucos veganos começaram a aparecer como parte dos alimentos oferecidos no Café Educativo desde 2013. Em 2014, os Sucos Específicos assumem este nome na intervenção realizada no congresso de finalização do projeto Ações Curatoriais, em Florianópolis. Nela, plantas selvagens comestíveis específicas da ilha de Anhatomirim, no litoral catarinense, foram identificadas para serem consumidas como ingrediente em um suco de frutas e folhas verdes. O projeto contou com a participação do agrônomo Jefferson Mota para a identificação dos matinhos comestíveis (plantas alimentícias não convencionais) e do artista Bil Lühmann na ilustração das espécies identificadas colocadas nos rótulos. Os Sucos Específicos participam de uma discussão sobre a relação com o local e seus recursos nutricionais. A ação incentiva uma percepção do alimento para além do paladar, considerando também o impacto na saúde e no ambiente”. Disponível em <http://cargocollective.com/jorgemennabarreto/Sucos-Especificos>. Acesso em 30/04/2017.



**Fig. 1.** Oficina “Agrofloresta e arte no campo expandido: Uma vivência em Barra do Turvo / SP” proposta pelo artista Jorge Menna Barreto, 2014. (Foto Lidia Ueta).



**Fig. 2.** Participantes da oficina “Agrofloresta e arte no campo expandido: Uma vivência em Barra do Turvo / SP” proposta pelo artista Jorge Menna Barreto junto com a família agrofloresteira, 2014. (Fotos Lidia Ueta).



**Figs. 3 e 4. ação 1:1,** visita à feira de orgânicos no Passeio Público de Curitiba realizada a partir da oficina “Agrofloresta e arte no campo expandido: Uma vivência em Barra do Turvo / SP” proposta pelo artista Jorge Menna Barreto, 2014. (Fotos Lidia Ueta).



**Figs. 5 e 6.** ação 1:1, preparação de *Sucos Específicos* no Museu da Gravura Cidade de Curitiba realizada a partir da oficina “Agrofloresta e arte no campo expandido: Uma vivência em Barra do Turvo / SP” proposta pelo artista Jorge Menna Barreto, 2014.

A proposta do artista tratou de questões da arte no campo expandido, como sugere o título da oficina. O termo “campo ampliado”<sup>7</sup> foi desenvolvido pela autora Rosalind Krauss (1984), a partir da expansão da escultura moderna através de procedimentos escultóricos que vinham afirmando no anos 1950 a condição negativa do monumento. A perda do significado e do uso do local próprio para a instalação do monumento permitiram seu alargamento, e a criação de outras categorias além da escultura. Jorge aborda com a oficina e seus desdobramentos a ampliação não só de uma categoria das artes, mas do próprio campo da arte.

Relações possíveis entre agroecologia e práticas *site-specific* também foram abordadas pelo artista em conversa oferecida ao público durante o projeto “Bases Temporárias para Instituições Experimentais”. Outro termo trazido pelo artista para a conversa e a oficina, o *site-specific*, trata das relações entre obra e espectador que são intensificadas com a atenção para o lugar. Para a autora Miwon Kwon, o *site specific* é tomado com um procedimento que inclui os diversos aspectos de um lugar (físico, político, econômico, social e cultural) e que elege uma ou várias destas situações para criar significado, renunciando ao seu aspecto indiferenciado. Para, como afirma a autora, “que a sequência de lugar que habitamos não se torne generalizada em serialização indiferenciada, um lugar após o outro” (KWON: 2009, 184).

A atenção para o lugar vem sendo abordada pelo artista em seus projetos artísticos e em sua produção teórica<sup>8</sup>, para o projeto “Bases Temporárias para Instituições Experimentais” Jorge propôs pensarmos a agricultura como escultura *site specific* na medida em que transforma a paisagem, e os sistemas agroflorestais são um interessante paralelo de uma prática consciente do lugar em que

<sup>7</sup> O termo é discutido no texto “A Escultura no Campo Ampliado”.

<sup>8</sup> O artista é professor adjunto no Departamento de Linguagens Artísticas do Instituto de Artes da UERJ. Pós-doutor pelo Departamento de Artes do CEART/UEDESC, onde pesquisou possíveis relações entre agroecologia e as práticas *site-specific* em arte. Traduções e textos de sua autoria podem ser acessados em <http://cargocollective.com/jorgemennabarreto/>. Acesso em 30/04/2017.



atuam, baseada na biodiversidade florestal e na cooperação com a natureza. A proposição dos *Sucos Específicos*, realizado desde 2014 pelo artista, também se relaciona com a discussão do local e seus recursos nutricionais; os ingredientes frescos colhidos na região onde são preparados consideram o impacto na saúde e no ambiente.

### **Jardinagem e arte**

O projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político”<sup>9</sup> idealizado, produzido e coordenado pela artista Faetusa Tezelli propôs, entre outras ações, a realização de oficinas, intervenções urbanas e conversas abertas ao público que buscaram conectar jardinagem e atividade artística em várias regiões de Curitiba. Entre as ações realizadas no projeto, houveram várias atividades realizadas com a comunidade local do Jardim Bela Vista, no bairro Tatuquara em Curitiba, região em que houve a realocação de moradores e moradoras que ocupavam irregularmente área de preservação permanente próxima à margem de um rio.

As ações concentradas no Jardim Bela Vista foram realizadas a partir de vários encontros ao longo de quatro meses, caminhadas coletivas e visitas aos jardins dos moradores da região, oficinas de permacultura<sup>10</sup>, oficina de microjardinagem para crianças, implantação de horta comunitária, oficina sobre princípios da agrofloresta e sementes crioulas foram algumas das atividades realizadas.

A transformação de um terreno baldio em horta foi idealizada pelos moradores da região, as diversas ações realizadas anteriormente pelo projeto, como as caminhadas coletivas e visitas aos jardins, contribuíram na implantação da horta. Participei da realização da horta comunitária num terreno baldio junto com outros artistas, jardineiros, ativistas, colaboradores e os moradores que escolheram o local e a distribuição dos canteiros.

---

<sup>9</sup> As ações realizadas pelo projeto durante o ano de 2015 e o mapeamento de propostas artísticas que se relacionam com jardinagem no Brasil estão disponíveis em <https://jardinagemterritorialidade.wordpress.com>. Acesso em 20/02/2015.

<sup>10</sup> Permacultura é um sistema de planejamento para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza. Surgiu da expressão em inglês “Permanent Agriculture” criada por Bill Mollison e David Holmgren na década de 1970. Hoje propõe uma “cultura permanente”, ou seja uma cultura que visa a nossa permanência neste planeta em harmonia com a natureza. A permacultura possui três princípios éticos e alguns princípios de planejamento que são baseados na observação da ecologia e da forma sustentável de interação, produção e de vida das populações tradicionais com a natureza, sempre trabalhando a favor dela e nunca contra. Disponível em <http://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>. Acesso em 20/04/2017.



**Fig. 7.** Horta comunitária de iniciativa coletiva em terreno baldio no Jardim Bela Vista, bairro Tatuquara – Curitiba. Realizada a partir do projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político” de Faetuzza Tezelli, 2015.



**Fig. 8.** Horta comunitária de iniciativa coletiva em terreno baldio no Jardim Bela Vista, bairro Tatuquara – Curitiba. Realizada a partir do projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político” de Faetuzza Tezelli, 2015.





**Fig. 9.** Oficina de microjardinagem para crianças, Jardim Bela Vista, bairro Tatuquara – Curitiba. Realizada no projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político” de Faetuzza Tezelli, 2015.

A iniciativa coletiva dos moradores do Jardim Bela Vista de cultivar uma horta é pensada aqui através do conceito de espaço como lugar praticado investigado pelo pensador francês Michel de Certeau. A pesquisa do autor surgiu de uma interrogação sobre as "operações dos usuários", nome supostamente dado à passividade e a disciplina, que nas funções simples do dia-a-dia, como habitar, cozinhar, falar e circular, possibilitam mudanças nos lugares e inventam o cotidiano. Estas ações dependem do tempo para transformar os acontecimentos em "ocasiões". Para o autor o lugar é a ordem, a estabilidade de posições; já o espaço são várias operações, pois existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidades e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis (CERTEAU: 2002).

As atividades realizadas ao longo do projeto “Jardinagem: territorialidade, temporalidade, ato político”, as caminhadas e cultivo de plantas praticadas nas oficinas, propiciaram a atenção, o cuidado e a mudança do lugar. Os moradores do Jardim Bela Vista ressignificaram suas relações com o espaço que habitam ao transformarem o terreno em horta.

Os projetos desenvolvidos pelos artistas Jorge Menna Barreto e Faetuzza Tezelli foram realizados em diferentes espaços e acessados de formas variadas pelo público. Hélio Ferverza (2009) trata da diferença entre espaço de apresentação e espaço de exposição no qual são apresentadas as produções artísticas. O espaço de exposição, museus, galerias, instituições de arte “é indicado não somente pelas paredes ou pelas molduras e bases físicas das galerias e museus, mas, sobretudo, pelas molduras culturais, sociais e econômicas” (FERVENZA, 2009, p. 76). Já o espaço de apresentação é discutido pelo autor através de obras de Allan Kaprow<sup>11</sup> e Cildo Meireles<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> O artista americano Allan Kaprow (1926 – 2006) é conhecido como um dos primeiros artistas a realizar *Happenings* e teorizou sobre o termo no final dos anos 1950. Hélio Ferverza discute a ação que o artista realizou a partir de um dos textos de *Events* (Eventos), de George Brecht, buscando uma aproximação entre arte e vida.



que se utilizam de outras formas de apresentação. Realizados através de oficinas, em feira de produtos orgânicos, num terreno baldio, e circulados através de publicações e páginas na internet, os projetos de Jorge e Faetuzza buscaram também outros espaços de apresentação em consonância com suas propostas, e assim como as proposições de Allan Kaprow e Cildo Meireles,

extravassam constantemente as práticas artísticas tradicionais ou o espaço de uma concepção circunscrita da arte. Elas são desviantes. Elas produzem movimentos, um deslocamento constante que evita posições fixas e o isolamento de outras atividades e conhecimentos. Elas evitam posições identificáveis de uma forma unívoca, ao recair sobre situações não consideradas como artísticas numa sociedade marcada pela divisão do trabalho. Elas são propositivas no sentido de que não há um objeto artístico pronto para ser apreciado, mas, antes um processo (FERVENZA, 2009, p. 82).

### **Ecologia e arte: proposições iniciais**

As iniciativas do artista alemão Joseph Beuys<sup>13</sup> tem sido trazidas como iniciais para discussões envolvendo ecologia, arte e educação. O artista criou esculturas, desenhos, instalações e performances. Seus cartazes e múltiplos, apresentados em importante exposição no Brasil<sup>14</sup>, estão submetidos a suas iniciativas políticas e ecológicas. A atuação de Beuys junto a F.I.U. – Freie Internationale Universität (Universidade Livre Internacional), iniciativa criada no início dos anos 1970 pelo artista junto com Klaus Staeck e Heinrich Böll, é vista pelo curador Antonio d’Avossa (2010) como a que melhor congrega o pensamento do artista e sua crença na transformação social a partir do potencial criativo do homem. Para Beuys, sua contribuição no processo de transformação social se daria também através de sua atuação como professor de arte, iniciada na Academia de Arte de Dusseldorf, e depois revista na F.I.U. como atividade pensada para desenvolver a criatividade de forma mais ampla.

Dentre as ações realizadas por Beuys e os participantes da F.I.U. é possível destacar a obra *7.000 Eichen* (7.000 carvalhos), proposta pelo artista para a mostra Documenta 7 em Kassel, na Alemanha em 1982, e coordenada pela F.I.U., que iniciou o plantio de 7.000 carvalhos junto a 7.000 pedras basálticas na cidade alemã, e além dela, chegando a Nova York nos EUA.

A obra *7.000 Eichen* (7.000 carvalhos) está em constante crescimento, interfere na cidade de forma visual, ecológica e no ambiente social urbano, e requer cuidados e manutenção constantes. Atuando no reflorestamento da cidade, foi realizada através da colaboração entre os participantes, envolveu o compromisso do artista, da comunidade e do governo local e traz a preocupação de Beuys pelas questões ambientais.

A preocupação com o meio ambiente, questões ecológicas e agroecológicas implicadas nas ações artísticas são cada vez mais frequentes. A relação com o meio ambiente e questões de

---

<sup>12</sup> Ferverza cita o projeto “Inserções em circuitos ideológicos”, realizado entre 1970 e 1975. Cildo Meireles (1948) em texto de 1970 esclarece que o projeto consiste em gravar informações e opiniões críticas em garrafas e cédulas e devolvê-las à circulação (FERREIRA; COTRIM, 2006).

<sup>13</sup> Joseph Beuys (1921 – 1986) possui extensa produção artística, foi professor e publicou ensaios, conferências e entrevistas a partir de 1961 sobre sua visão da arte como reorganizadora da sociedade.

<sup>14</sup> “Joseph Beuys - A revolução somos nós” foi apresentada no SESC Pompeia (São Paulo) e no Museu de Arte Moderna da Bahia (Salvador) em 2010, com direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas e Antonio d’Avossa como curador convidado, e realizada pela Associação Cultural Videobrasil e SESC São Paulo.

ecologia é a ampliação mais facilmente perceptível sobre o tema da paisagem (CAUQUELIN, 2007).

A publicação recente “Outro Ponto de Vista: práticas colaborativas na arte contemporânea” trata de práticas colaborativas na arte contemporânea e traz vários textos de artistas sobre projetos artísticos que envolveram agroecologia (CIRILLO; KINCELER; OLIVEIRA, 2015). Em texto presente na publicação, Janice Appel<sup>15</sup> (2015) aponta para os diálogos entre arte e meio ambiente que fazem surgir espaços de colaboração. A artista relata a experiência desenvolvida junto ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFRS) em Alegrete - RS. A prática artística se deu com um grupo de alunos de agroecologia e promoveu “diálogos estéticos entre arte, ambiente em diferentes comunidades acadêmicas, fazendo-nos refletir sobre o criar coletivo e o possível poder transformador destas ações em diferentes espaços” (APPEL, 2015, p. 169).

### **Práticas artísticas e processos educativos**

As propostas realizadas em Curitiba, acima apresentadas, são práticas artísticas que promoveram e problematizaram processos educativos ao trazerem questões relacionadas à agroecologia através da troca de saberes entre as/os participantes das ações.

A aproximação dos campos da arte e da educação através de projetos artísticos que trabalham a pedagogia como meio vem sendo discutida e apresentada a partir do termo “educational turn”<sup>16</sup>. Em livro organizado pela artista, educadora e escritora Felicity Allen que reúne textos de artistas, filósofos e educadores, a autora afirma que o grande número de projetos e publicações que relacionam arte e educação são significantes e contribuem para revisões sobre produção e recepção da arte (ALLEN, 2011).

Os processos educativos são disparados em ações; ao invés de objetos e instalações de arte temos projetos integrados a pesquisas, vivências e oficinas, como aponta a pesquisadora de arte Claire Bishop em texto<sup>17</sup> que discute o termo “educational turn” através de projetos de artistas contemporâneos europeus.

Diferentes processos educativos são provocados a partir do seu contexto e aspecto sociais. Os projetos realizados em Curitiba e acima discutidos também se deram através de ações, foram realizadas com a participação de pessoas de contextos distintos que envolveram-se em atividades de agroecologia e promoveram trocas de saberes entre os participantes. Trataram de questões ligadas a seus contextos e propiciaram processos educativos que se diferenciam de muitos modelos autoritários de educação que se baseiam na eficiência e conformidade (BISHOP, 2007).

No Bases Temporárias, o conceito de instituição experimental e temporária partiu de cada ação proposta. Seu sentido e sua existência foram sendo construídos durante o período em que o projeto se colocou como espaço aberto. Além disso, o espaço sempre foi aberto e convidativo a debates e encontros acionados pelo

---

<sup>15</sup> Artista e doutora em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul / UFRGS.

<sup>16</sup> O glossário de termos de arte da Tate Gallery de Londres disponível em <http://www.tate.org.uk/learn/online-resources/glossary/e/educational-turn> indica que o termo nasceu em meados dos anos 1990 e refere-se a arte colaborativa ou baseada em pesquisa em que o impulso é no processo, mais que no objeto de arte. Acesso em 30/03/2016.

<sup>17</sup> The New Masters of Liberal Arts: Artists Rewrite the Rules of Pedagogy / 2007. O texto faz parte da coletânea de textos reunidos por Felicity Allen.



público. Pequenos, mas potentes movimentos aconteceram no tempo de existência. Manteve-se viva a vontade de ver existir uma instituição artística onde se investe mais no espaço das relações humanas. (FRANKOWICZ, 2014, impresso)

O trecho do texto acima sobre o projeto Bases Temporárias para Instituições Temporárias, no qual a oficina do Jorge Menna Barreto se deu, reflete, de maneira geral, o ambiente gerado nas ações realizadas nos projetos de Jorge e Faetuzza que forneceu condições para que processos educativos se dessem. Estes processos ocorreram nas diversas direções entre seus agentes, como no processo ensino-aprendizagem que conduz a aprendizagem do próprio professor.

Marcos Villela Pereira, professor e autor de livros e textos sobre a formação do professor, em artigo sobre educação e arte<sup>18</sup> considera que os processos de ensino e aprendizagem são possíveis de redefinições pois a realidade não se coloca como permanência de supostas formas universais. O trabalho de formação então é renovado constantemente através do questionamento sobre seu próprio processo (PEREIRA, 2008). A abertura à participação nos projetos e ações artísticas torna possível pensar sobre o processo ensino-aprendizagem que é articulado nesses projetos.

### **Autonomia e participação**

O aspecto processual dos projetos artísticos que requerem a participação dos diferentes agentes para a sua realização, e se desenvolvem a partir de experiências compartilhadas, indica para as pesquisas em educação de Paulo Freire (1996), que enfatiza a importância de considerar e respeitar a autonomia do aluno a quem o professor dirige seu programa. Para o autor, o potencial transformador da educação é gerado quando o homem se percebe um ser inacabado e inconcluso, que seguirá em movimento permanente pela tomada de consciência ao se relacionar com o mundo, afirmando ainda que os homens se educam entre si (FREIRE, 2015). Desta maneira, Freire indica o processo ensino-aprendizagem através do termo “educador-educando com educando-educador” em contínuo processo de auto-formação. O respeito à autonomia pressupõe o respeito aos saberes dos envolvidos no processo, e somente assim a possibilidade da troca de saberes.

O envolvimento dos participantes nos projetos aqui discutidos compartilham de ideias presentes no termo “participador”, proposto pelos artistas brasileiros Lygia Clark e Helio Oiticica em textos e cartas dos anos 1960 e 1970, e traz contribuições para o entendimento de propostas artísticas que são pensadas como dispositivos que geram acontecimentos. Suely Rolnik (2005), em texto sobre a produção de Lygia Clark, reforça a ideia pensada pelos artistas de que a obra ocorre na relação com espectador –participador, e declara o poder de mobilização contido nas obras como potência de mobilização. A experiência de percorrer a cidade do Rio de Janeiro para Helio Oiticica, de imersão na realidade e nos problemas brasileiros, possibilitou a criação de obras que são pensadas no jogo como exercício experimental da liberdade, jogos construídos que se tornam abertos à participação do espectador (JACQUES, 2014).

Nos projetos artísticos aqui discutidos a participação nas diferentes ações podem ser associadas à experiência compartilhada (RANCIÈRE, 2005); a participação não é instrumentalizada, e possibilita o engajamento criativo nos gestos capazes de conduzir à reflexão sobre as possíveis maneiras de agir nas questões relacionadas ao meio ambiente.

---

<sup>18</sup> Educação e arte: a consolidação de um campo interminável.

Buscou-se assim pontos de contato entre as ideias de participação e autonomia nos campos da arte e da educação e investigar nos projetos artísticos a possibilidade da arte e da educação se realizarem juntas.

## REFERÊNCIAS:

- ALLEN, Felicity. *Education / edited by Felicity Allen. Whitechapel: Documents of contemporary art*. Co-published by London: Whitechapel Gallery and Cambridge: The MIT Press, 2011.
- APPEL, Janice. *Relato de uma arte no campo: laboratório de experiências em arte e agroecologia em Alegrete / RS – processos artísticos coletivos que deslocam e transbordam saberes*. In: CIRILLO, José; KINCELER, José Luiz e OLIVEIRA, Luiz Sergio (Orgs.). *Outro Ponto de Vista: práticas colaborativas na arte contemporânea*. Vitória: Proex- UFES/UFF, 2015. P. 163-178.
- ARCHER, Michael. *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BISCHOP, CLAIRE. *The New Masters of Liberal Arts: Artists Rewrite the Rules of Pedagogy*. IN.: ALLEN, Felicity. *Education / edited by Felicity Allen. Whitechapel: Documents of contemporary art*. Co-published by London: Whitechapel Gallery and Cambridge: The MIT Press, 2011. P. 197-201.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:1. Artes de fazer*. 7ª edição. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2007.
- CIRILLO, José; KINCELER, José Luiz e OLIVEIRA, Luiz Sergio (Orgs.). *Outro Ponto de Vista: práticas colaborativas na arte contemporânea*. Vitória: Proex- UFES/UFF, 2015.
- CLARK, Lygia. *Lygia Clark – Helio Oiticica: Cartas 1964 – 1974 / organizado por Luciano Figueiredo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.
- DANTO, Arthur C. *O Mundo como Armazém: Fluxus e Filosofia*. In: HENDRICKS, Jon. *O que é Fluxus? O que não é! O porquê*. Catálogo de exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 2002.
- D’AVOSSA, Antonio. *Joseph Beuys – A revolução somos nós*. In: Joseph Beuys – A revolução somos nós. Catálogo de exposição. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.
- FERVENZA, Helio. *Formas da Apresentação: da exposição à autoapresentação como arte*. In: Revista Palíndromo, v. 1., n. 2. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Artes. Mestrado em artes Visuais. Florianópolis: UDESC, 2009. Disponível em [http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/2processos\\_artisticos/2\\_palindromo\\_ferverenza.pdf](http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/edicoes/2processos_artisticos/2_palindromo_ferverenza.pdf). Acesso em 14/04/2016.
- FERREIRA, Angela Duarte D. *Dos sonhos à utopia e à criação de alternativas: o (re)conhecimento da experiência da Cooperafloresta*. In.: STEENBOCK, Walter (org.). *Agrofloresta, ecologia e sociedade*. Curitiba : Kairós, 2013.
- FERREIRA, Gloria e COTRIM, Cecília (orgs.). *Escritos de artistas; anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- FRANKOWICZ, Marcos. *Impresso Bases Temporárias para Instituições Temporárias*. Curitiba: Marcos Frankowicz, 2014.



- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 40ª reimpressão. São Paulo: Terra e Paz, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 59ª edição. São Paulo: Terra e Paz, 2015.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogia aos errantes*. 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2014.
- KWON, Miwon. *Um lugar apos o outro: Anotações sobre site-specificity*. IN: Revista Arte & Ensaios, EBA/UFRJ, n.17, p. 166-187, 2009.
- KRAUSS, Rosalind. *A Escultura no Campo Ampliado*. IN: Gávea - revista de História da Arte e Arquitetura, PUC, Rio de Janeiro, Vol. 1, 128-137, 1984.
- PEREIRA, Marcos Villela. *Educação e arte: a consolidação de um campo interminável*. In: 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED. Caxambu - MG, 2008. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/lav/noticias1\\_arquivos/Artigo%20J.pdf](http://coral.ufsm.br/lav/noticias1_arquivos/Artigo%20J.pdf). Acesso em 04/04/2016.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- ROLNIK, Suely. *Afinal, o que há por trás da coisa corporal? In: Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro*. Catálogo da exposição organizada pelo Musée des Beaux-Arts de Nantes, França, 2005 e pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2006 com a colaboração da Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”.